

A MEMÓRIA E O TEMPO HISTÓRICO EM FACE À DITADURA MILITAR NO CONTEXTO DAS UNIVERSIDADES EM *O LUGAR MAIS SOMBRIO*, DE MILTON HATOUM¹

MEMORY AND HISTORICAL TIME IN THE FACE OF THE MILITARY DICTATORSHIP IN THE CONTEXT OF UNIVERSITIES IN THE MOST SOMBER PLACE, BY MILTON HATOUM

Tatiana PREVEDELLO*

 <https://orcid.org/0000-0002-5742-7692>
(UFRGS)

Recebido em 30/07/23. Aceito em 01/10/23

Resumo: Na trilogia *O lugar mais sombrio*, Hatoum inova a sua técnica narrativa, ao trabalhar com múltiplos planos espaço-temporais, por onde se distende, sobretudo, a voz da personagem Martim que, ao compor um arquivo histórico-memorialístico, desenha o cenário sociopolítico de um dos períodos mais conturbados e opressivos da história recente brasileira. O presente artigo pretende analisar, com base nas elaborações hermenêuticas de Ricoeur, as relações entre testemunho histórico e escrita, que configuram, pelo viés da narrativa, a construção de um arquivo. Nos valeremos, outrossim, da pesquisa de Motta (2014), sobre o contexto das universidades na ditadura militar, a fim de interpretar as ações de caráter artístico-cultural e intelectual, desenvolvidas pelos jovens com os quais Martim se relaciona em duas importantes universidades, UnB e USP.

Palavras-chave: escrita; memória; ditadura militar; universidades.

* Doutora em Letras (Área de Concentração: Estudos de Literatura / Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2014), com estágio de doutorado-sanduíche na Universidade de Lisboa (2013-2014). Dedicou-se, em sua tese, ao estudo da hermenêutica da escrita, direcionado, sobretudo, ao trabalho filosófico de Paul Ricoeur e às relações entre tempo, alteridade, memória, história e mimese na Literatura Portuguesa Contemporânea. Desenvolveu a pesquisa de pós-doutorado “Sou feito das ruínas do inacabado”: a arqueologia memorialística na narrativa de Milton Hatoum (2022-2013). Foi representante regional da ABRAPLIP nas gestões 2016-2017 e 2018-2019. É autora do livro “Narratividade em Paul Ricoeur” (2022) e “Hermenêutica e Ficção: Paul Ricoeur e António Lobo Antunes (2023).

¹ O presente ensaio resultou da pesquisa de pós-doutorado “Sou feito das ruínas do inacabado”: a arqueologia memorialística na narrativa de Milton Hatoum”, sob supervisão da Prof. Dr. Gínia Maria Gomes, desenvolvido na UFRGS, entre agosto de 2022 a julho de 2023. E-mail: t_prevedello@hotmail.com

Abstract: In the trilogy, *The most sombre place*, Hatoum innovates his narrative technique, when working with multiple spatio-temporal planes, where, above all, the voice of the character Martim extends, who, as he composes a historical-memorial archive, draws the sociopolitical scenario of one of the most troubled and oppressive periods in recent Brazilian history. In this, the present article intends, based on her elaborations, analysismeneutics of Ricoeur, as witnesses between historical and written testimony, which configure, through the bias of the narrative, an archival. We will also make use of the research by Motta (2014), on the context of universities in the military dictatorship, to interpret the artistic-cultural and intellectual actions developed by the young people with whom Martim has a relationship at two important universities, UnB and USP.

Keywords: writing; memory; military dictatorship; universities.

“Lembranças que nos atormentam, certezas que desabam e se tornam escombros”: a hermenêutica da escrita de Hatoum entre a memória e a história

As linhas hermenêuticas que configuram a escrita ficcional de Milton Hatoum, desde a publicação de seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, em 1989, sempre amalgamaram, de forma contundente, a relação dialética entre memória e a representação do discurso histórico. Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), ao examinar a condição do “ser-no-tempo e a dialética da memória e da história” (RICOEUR, 2007, p. 395), considera que a ontologia do ser histórico envolve a condição temporal em sua tripartição, constituída pelo passado, presente e futuro. Nesse âmbito, Ricoeur procura estabelecer um paralelo entre dois desenvolvimentos cruzados e concorrentes:

De um lado, temos a pretensão de dissolver o campo da memória no da história graças ao desenvolvimento de uma história da memória, considerada como um de seus objetos privilegiados; do outro, temos a resistência da memória a tal absorção graças à sua capacidade de se historicizar sob uma diversidade de figuras culturais. Uma passagem no limite, inversa da precedente, designa-se sob a forma de uma revolta da memória coletiva o que surge como uma tentativa de dominação sobre o seu culto da lembrança (RICOEUR, 2007, p. 397).

Para Ricoeur o estatuto da memória, em uma relação dialética com a história, não pode ser separado de uma reflexão acerca do binômio passado/presente. Dessa forma, as noções familiares de fonte, documento e rastro, revelam-se, simultaneamente, de forma temporal, espacial e temática. E, como atesta o filósofo: “É para essa história, solidária de um ‘ponto de vista livre de todo o egocentrismo’, que a história deixou de ser ‘parte da memória’, e que a memória se tornou ‘parte da história’” (RICOEUR, 2007, p. 399).

Na trilogia *O lugar mais sombrio*, cuja primeira parte é intitulada *A noite da espera* (2017), e a segunda, *Pontos de fuga* (2019), Milton Hatoum dedica-se a configurar em sua escrita ficcional um trabalho hermenêutico coadunado com a história, sobre a perspectiva memorialística. Esta atividade é fundamentada pela construção de um consistente arquivo documental, constituído,

sobretudo, por diários, cartas, anotações e depoimentos, cujas linhas espaço-temporais estão interseccionadas pelo período correspondente entre janeiro de 1968 a dezembro de 1972, em Brasília; dezembro de 1972 a março de 1980, em São Paulo; e dezembro de 1977 à primavera de 1980, em Paris.

A linearidade cronológica dos romances é intercalada pelas experiências vividas pelo jovem Martim, sobretudo no contexto de duas importantes universidades, UnB e USP. Os episódios ocorrem entre o final da década de 1960 e parte dos anos de 1970, em pleno regime de Ditadura Militar, no Brasil, e o seu exílio em Paris, registrado a partir de 1977 até o princípio da década de 1980. No primeiro volume da trilogia, *A noite da espera*, o arquivo histórico-documental que organiza a diegese do romance se configura, principalmente, sobre os escritos de Martim, tendo como base as experiências universitárias, registradas em um diário, e de correspondências trocadas entre amigos e familiares, sobretudo com sua mãe, Lina. A escrita do diário tem continuidade nos anos em que vive exilado em Paris, de onde confronta o tempo presente que vai sendo configurado na narrativa, com as memórias acerca da vida na universidade, juntamente com seus companheiros, em face à Ditadura Militar:

Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona o seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta” (HATOUM, 2017, p. 14-15).

Em *Pontos de fuga*, o contexto universitário é ambientado na USP, após Martim ser obrigado a fugir da capital federal, em virtude de ser perseguido pelo Regime Militar, assim como alguns de seus colegas do grupo de Brasília que foram presos. Embora o arquivo histórico-documental de Martim seja a principal fonte organizadora da narrativa, a ele se integram vozes de outros companheiros com quem vem a estabelecer vínculos em São Paulo.

Neste mais recente empreendimento ficcional de Hatoum, que corresponde a uma trilogia inconclusa, a qual para estar completa ainda depende da publicação do terceiro volume, é possível verificar alguns aspectos preponderantes e inovadores. Observa-se uma ruptura na hermenêutica de sua escrita em relação aos quatro primeiros romances do autor, caracterizada pelo hibridismo dos discursos textuais que configuram *A noite da espera* e *Pontos de fuga*. Há a descontinuidade espaço-temporal, que exige do leitor a atenção em seguir os fios do enredo, diante das rupturas que se instauram. É conjugada uma variedade de vozes que, sobretudo em *Pontos de fuga*, irão se entrelaçar ao arquivo histórico-documental de Martim, em seu relato interseccionado entre as vivências no contexto da UnB, USP e no exílio em Paris. O posicionamento ideológico do narrador e as denúncias histórico-políticas, que sempre estiveram presentes na ficção de Hatoum, adquirem, nestes dois mais recentes romances, uma maior veemência, pois consubstanciam a ficcionalização de relatos de experiências envolvendo perseguições, prisões, tortura, supostos desaparecimentos e exílio, resultantes de uma das mais repressivas épocas vividas pela história recente brasileira.

Motta (2014a), em *As universidades e o regime militar*, observa que, sobretudo nos anos de 1960, as instituições de ensino passaram a ser pontos estratégicos para as lutas de cunho político, agregando grupos que atuavam nas mais diversas frentes ideológicas. As

universidades, de forma notória, ocuparam um espaço de destaque, uma vez que não somente exerciam influência na formação dos valores da juventude acadêmica, o que já seria suficiente para situá-las em um lugar de evidência, como também provocavam um significativo impacto na indústria cultural e nas mídias. Ambos os aspectos são bastante explorados por Hatoum nos dois volumes da trilogia *O lugar mais sombrio*, considerando a atuação artística e a produção jornalística das personagens do enredo. Por esse motivo, no período anterior e ao que sucedeu o golpe, diversos atores políticos realizaram investimentos significativos nas universidades. Ativistas vinculados à esquerda brasileira destinaram grandes esforços para exercer influência sobre a comunidade acadêmica, com ações tais como os Centros Populares de Cultura (CPC), o exercício da militância nas entidades do movimento estudantil, além da criação de projetos editoriais.

Orientando-se pela perspectiva da dialética da memória, como dispositivo que configura a história (RICOEUR, 2007), e pela organização artístico-cultural e midiática dos jovens, no contexto das universidades no período ditatorial (MOTTA 2014a,b; 2018), vamos examinar em *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, as atuações de cunho político, bem como as medidas repressivas adotadas pelo Estado. Tais elementos são registrados nos arquivos memorialísticos de Martim, concernentes à atuação dos grupos juvenis aos quais se vinculou em sua passagem por duas importantes universidades brasileiras, e permeados pelas reflexões que desenvolve no seu exílio em Paris.

“Minha memória fisgou episódios. Cinzas do tempo...”: expressões artístico-intelectuais, medo e repressão em *A noite da espera*

Há duas linhas temporais que podem ser linearizadas cronologicamente, embora marcadas por intercalações, e dois espaços predominantes em *A noite da espera*. Brasília é a cidade onde Martim chega aos 16 anos, em janeiro de 1968, acompanhado pelo pai, Rodolfo, após uma conturbada separação, em que sua esposa, Lina, o abandona para viver com um artista: “Pensei no egoísmo de Lina, na sua vida com o artista magro, desleixado, no sorriso que parecia falso; pensei na infelicidade do meu pai, que nessa tarde falara comigo. Seria possível vivermos juntos sem palavras?” (HATOUM, 2017, p. 34). Na capital federal Martim irá permanecer até dezembro de 1972, quando sob contundente perseguição política que dissolve o seu grupo de militância, vê-se obrigado a fugir para São Paulo.

Os registros sobre Paris aparecem entre dezembro de 1977 e o inverno de 1979, onde Martim vive o seu exílio e cujas lembranças o conduzem para o contexto histórico-político brasileiro: “Hoje, em Neuilly-sur-Seine, meu aluno francês me ofereceu café e quis conversar um pouco sobre o Brasil. O bate-papo, de início besta, aos poucos rondou um assunto mais cabeludo, que logo ficou grave; para ir da gravidade ao terror político bastaram duas xícaras de café e uns biscoitos” (HATOUM, 2017, p. 11). É em Paris, portanto, que a narrativa principia e se abre uma importante intersecção espaço-temporal e memorialística, a qual conforme Ricoeur (2010), suspende o presente da narrativa e projeta o leitor para as vivências passadas de Martim,

junto aos colegas com os quais, em Brasília, configurou um sólido grupo responsável por protagonizar ações de caráter artístico, cultural, intelectual e político, nos anos passados na UnB:

Embolsei os francos e caminhei pelo Bois de Boulogne: árvores sem folhas, uma fina camada de gelo no solo, canto de pássaros invisíveis. A quietude foi assolada por lembranças de lugares e pessoas em tempos distintos: Lázaro e sua mãe no barraco de Ceilândia, a voz do Geólogo no campus da Universidade de Brasília, a aparição de uma mulher no quarto de um hotel em Goiânia, o embaixador Faisão recitando versos de um poeta norte-americano: “Apenas mais uma verdade, mais um/elemento na imensa desordem de verdade...”
Outro dia vi o rosto de Dinah, segui esse rosto e deparei com uma francesa, que se surpreendeu com o meu olhar; outros rostos brasileiros apareceram em museus, na entrada de um cinema em Denfert, nas feiras da cidade. (HATOUM, 2017, p. 12)

Embora a atividade memorialística de Martim seja exercida por intermédio das lembranças, que provocam esse deslocamento espaço-temporal em relação ao presente da narrativa, o exercício mais contundente que desenvolve é organização de seu arquivo documental. Este é constituído, entre outros elementos, por correspondências, anotações e depoimentos, sobretudo pela escrita intermitente de seu diário, no qual constam registros a partir do momento em que chega em Brasília, logo após a inauguração da capital federal.

O ingresso do jovem e ainda ingênuo Martim na UnB será fortemente marcado pelo heterogêneo grupo de estudantes aos quais se vincula: Fabius, estudante de direito, filho do embaixador Faisão, colocado no ostracismo por perseguição dos colegas do Itamaraty; a namorada de Fabius, Ângela, envolvida com experiências místicas e esotéricas, filha de um senador que apoia os militares; Dinah, por quem Martim se apaixona, atriz e militante, filha de economistas, funcionários de ministérios; Lázaro, ator, tradutor, estudante de literatura na Unb, filho de Vidinha, que se torna cozinheira do casal de embaixadores, pais de Fabius; Lélío, o Nortista, ator que vivia de trampolinagens, traficando maconha; Vana, sobrinha de Áurea, a Baronesa, bajuladora de autoridades da situação e da oposição, oferecendo jantares para ter a ilusão de poder: “(...) conhece políticos do governo e da oposição, e se dá com comandantes de regiões militares do Planalto e da Amazônia” (HATOUM, 2017, p. 139).

A atuação do grupo é intensa, no âmbito artístico e cultural, sempre articulada à reflexão histórico-política, mesmo com a presença de dois integrantes advindos de famílias intrinsecamente ligadas ao cenário político nacional, mas vinculadas a direções opostas, como o caso do embaixador Faisão, reprimido pelo regime militar; e o senador da República, pai de Ângela, apoiador de Médice e um dos líderes da Arena. Os jovens já pertenciam ao um grupo de teatro, coordenado por Damiano Acante, no momento em que Martim se integra a eles, ao encontrá-los, casualmente, no pátio interno da escola, em março de 1968: “‘Meu grupo de artes cênicas vai se exibir pela primeira vez para um espectador solitário’. (...) ‘Esse varapau é o Nortista, um comediante do Amazonas apaixonado por Vana, nossa grande atriz em formação. Ângela e Fabius também estão aprendendo, só Dinah conhece os segredos do teatro’” (HATOUM, 2017, p. 30). Juntos também fundaram a revista *Tribo*, cuja criação é explicada na carta que o Nortista envia de São Paulo, em 22 de outubro de 1978, a Martim, quando este já encontrava exilado em Paris. Abre-se, assim, por intermédio do arquivo-documental (RICOEUR, 2007),

uma importante intersecção memorialística, a qual explica a gênese dos eventos passados que envolveram a militância do grupo:

São Paulo, 22 de outubro de 1978.

Querido Martim,

Tua carta com menos de vinte linhas diz pouco sobre tua vida na França. Paris é o teu estúdio nessa Rue d'Aligre, mais nada?

(...)

Ângela contou que sonhara com uma constelação em outra galáxia, por isso o título da revista seria *Cosmo*. Eu tinha sonhado com a minha avó índia e sugeri outro título: *Tribo*. (...) "*Tribo*. É menos pretencioso que *Cosmo*". Na votação, *Cosmo* perdeu (...). Sugeri que a *Tribo* devia publicar poemas, fotos, quadrinhos, artigos e traduções. Uma revista de arte, sem editor nem editor de redação. (...) O logotipo seria uma espiral desenhada num muro da Cidade Livre, onde moram os operários que construíram Brasília; o que mais demorou foi a escolha do lema da *Tribo*: "A nova liberdade jorrando no Planalto".

(...)

Estranho lembrar essas coisas quase dez anos depois, Martim, uma década é uma eternidade e um lampejo. Lembrar, escrever no porão desta casa que tu visitaste uma vez.

(...)

As detenções e perseguições continuam, mas a gana de encenar é mais forte que o medo. (...)

(...)

Um abraço do Nortista.

(HATOUM, 2017, p. 72-75)

As informações reveladas na correspondência do Nortista enviada a Martim reproduzem eventos transcorridos há uma década. Estes remetem à origem da revista *Tribos* e são amalgamados à linha cronológica que equivale, nesta altura dos acontecimentos, ao presente da narrativa (RICOEUR, 2010), organizado por intermédio das reminiscências de Martim em seu exílio na França. Além do grupo de teatro, a revista *Tribo*, financiada pelo embaixador Faisão – "Faisão paga a impressão da *Tribo* e o aluguel da saleta, o embaixador não ia censurar a história da UnB" (HATOUM, 2017, p. 111) - consolidou a atuação artística e intelectual dos jovens militantes, no período correspondente ao final do ensino secundário e ao ingresso da vida universitária na UnB, quando a revista é lançada:

(...) o Nortista ignorou a intimação e foi ao lançamento do número zero da *Tribo* no Dois Candangos.

O auditório estava cheio, Vana e o Nortista se alteraram na leitura dos poemas de Baudelaire e Oswald de Andrade, depois um calouro do Instituto Central de Artes leu o Manifesto Estético-Elético-Filosófico. Quando o Nortista lia a tradução de um capítulo do *Anticristo*, um professor se exaltou:

“Uma blasfêmia! Esse anticristo e uma fotografia imoral dessa revista ultrajam as famílias cristãs”.

Rasgou um exemplar da *Tribo*, uma explosão de vaias e aplausos dividiu o auditório e tumultuou o lançamento da revista. (HATOUM, 2017, p. 104)

Concomitante a intensa atuação artístico-cultural e política dos integrantes da *Tribo*, a narrativa de Hatoum coaduna os acontecimentos históricos que pairavam sobre o Brasil, a respeito dos quais as ações repressivas do regime militar recebiam a condescendência e alheamento da maior parte da população: “Muita gente se esforça para fingir que está tudo bem, que vive no melhor dos mundos e vira as costas para a infâmia” (HATOUM, 2017, p. 158).

Motta (2014a), em *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*, especificamente nos capítulos “O novo ciclo repressivo” e “Os espiões do campi”, busca articular, historicamente, a vigilância política sobre as universidades no contexto da AI-5: “Tudo está ficando complicado. Depois do AI-5, o medo tomou conta. A liberdade é uma quimera” (HATOUM, 2017, p. 158). Motta (2014a), também traça um panorama a respeito dos órgãos de informação que foram instalados dentro das universidades, a partir dos anos de 1970, apresentando seus embates na organização de diversas universidades brasileiras.

Além do AI-5, houve a criação do Decreto nº 477, considerado como um dos instrumentos mais repressivos do regime militar, em decorrência da amplitude das “infrações” nele previstas, voltadas para a desarticulação do movimento estudantil. O respectivo decreto, promulgado em fevereiro de 1969, permitia a exclusão de estudantes, servidores ou professores por acusação de atividades perturbadoras à ordem. No caso dos estudantes, a exclusão implicava também proibição de se matricular em outra universidade, durante três anos. A publicação do AC-75, que impedia a contratação dos punidos em outros órgãos, além do Decreto nº 869, o qual obrigava a inclusão da educação moral e cívica nas escolas de todos os graus e modalidades e que, de forma semelhante ao Projeto Rondon, procurava introduzir valores de natureza patriota para conservar a ordem e combater o comunismo. O respectivo acontecimento se transformou em um dos principais alvos, tanto de crítica quando de repúdio, dos movimentos docente e estudantil, os quais buscavam a democratização das instituições de ensino superior.

Ainda conforme Motta, em seu ensaio “Universidades e cultura na ditadura militar”, é possível verificar a contundência das ações culturais dos jovens no meio universitário, bem como os mecanismos coercitivos, adotados pelo Estado:

Os meios estudantis tornaram-se majoritariamente hostis à ditadura e muito receptivos aos discursos e às ações de oposição, inclusive às vertentes que propugnavam a luta armada. A propósito, a “cultura de oposição” teve acolhida muito favorável entre os universitários, que organizaram um circuito de espetáculos musicais com a presença de artistas críticos da ditadura, notadamente músicos próximos aos valores e aos acordes da MPB. (...) Do mesmo modo, os universitários foram um público frequente dos espetáculos teatrais “engajados” encenados no decorrer da ditadura, que eles ajudaram a consolidar como espaços culturais na contracorrente dos valores oficiais. Em muitos casos, os próprios estudantes produziram e encenaram peças teatrais de “oposição”, para desalento das agências de repressão. (...)

(...) compreende-se porque os líderes do Estado autoritário consideraram as universidades um desafio sério ao seu projeto político. Para lidar com o front universitário, como era de se esperar, a ditadura respondeu com uma série de políticas repressivas visando conter o potencial oposicionista da comunidade acadêmica, especialmente os estudantes. Tais ações variaram desde a repressão mais violenta, como nos episódios de invasão policial aos campi, que provocaram ferimentos e mesmo alguns óbitos, até o estabelecimento de mecanismos legais desenhados para coibir o ativismo de oposição (...). (MOTTA, 2018, p. 94-95)

Inicialmente, a atuação dos jovens integrantes da *Tribo* não se desestabiliza diante dos eventos políticos que se desenvolvem no cenário brasileiro, de modo que agem como se fossem inatingíveis às consequências que poderiam advir da repressão institucionalizada pelo Estado. A postura do grupo preocupa o embaixador Faisão, conforme demonstra em uma conversa com Martim: “Meu próprio filho tem a cabeça fora do lugar. Finge que está alheio à política, ignora que há um cerco em Brasília” (HATOUM, 2017, p. 158). A essa altura dos acontecimentos, mesmo quem tem proximidade com os órgãos que comandam o poder político, como é o caso do embaixador Faisão, compreende a complexidade da situação que paira sobre o Brasil, sem, contudo, ter clareza sobre as artimanhas que estão sendo delineadas para atacar os opositores do regime militar. Assim, o embaixador Faisão prossegue a análise conjuntural do momento histórico e exterioriza a Martim a sua preocupação sobre a atuação do filho e seus amigos:

Essa noite macabra é muito longa, não vai acabar tão cedo assim. Um dia termina. A história é movediça. Fabius, Ângela, o Nortista e a namorada dele... todos são muito autoconfiantes. A autoconfiança exagerada é tão nociva quanto a incapacidade de compreender. **Ninguém sabe o que está acontecendo no Palácio do Planalto e no comando das Forças Armadas, jovem.** O que eu sei... o pouco que eu sei é desanimador (HATOUM, 2017, p. 158, *grifos nossos*).

Ainda nesta conversa o embaixador Faisão, temeroso pela segurança dos jovens, aconselha Martim a deixar Brasília: “Teu pai é engenheiro de obras, não pode fazer nada por você. (...) É melhor ir embora daqui, jovem. Arrumar a mala e não adiar a viagem” (HATOUM, 2017, p. 159). A percepção do embaixador acerca das adversidades de natureza política e dos perigos que corriam os integrantes do grupo, ao qual pertencia seu filho Fabius, levou poucos meses para vir a se concretizar em uma abordagem que culminou com a prisão de membros da *Tribo*, em 11 de dezembro de 1972: “Meus amigos e outros participantes da *Tribo*, enfileirados, de braços erguidos ou com as mãos na nuca, entravam devagar num camburão. Conteí oito ou nove pessoas, reconheci apenas Fabius e Vana” (HATOUM, 2017, p. 228-229).

Em virtude do clima de repressão não se apresenta outra possibilidade para Martim a não ser fugir de Brasília: “o Dops está atrás dos outros participantes da revista. Alguém abriu o bico na delegacia, os nomes apareceram. O teu, o meu, todos os nomes da *Tribo*... (...) Se a polícia baixar aqui, nós dois vamos presos” (HATOUM, 2017, p. 233). As impressões sobre as consequências finais dos cinco anos transcorridos em Brasília, que culminaram na fuga de Martim para São Paulo, repleto de culpa e com um sentimento de desertor por ter chegado atrasado à reunião que culminou na prisão dos amigos, são registradas, em seu diário, com uma

profunda dor, desencadeada pelo sentimento de traição à “tribo de Brasília” e pela separação de Dinah, que “não sabia se ia rever”, mas ainda movido pela esperança de, talvez, encontrar sua mãe. Anos mais tarde, distante do Brasil, a lembrança *acessa os arquivos memorialísticos de Martim acerca deste período, de modo que paira*, sobre as suas recordações acerca das vivências transcorridas nessa época, um profundo sentimento de melancolia:

Os trechos que tocou me entristecem, e a lembranças de acordes tão melódicos me lançou para o tempo presente, ainda mais sombrio: esta madrugada parisiense, longe do Brasil, sem meus amigos, sem Dinah e Ângela, sem minha mãe. Fantasmas que surgem a qualquer momento entre o anoitecer e a primeira luz da manhã...

Talvez seja o exílio: uma longa insônia em que fantasmas reaparecem com a língua materna, adquirem vida na linguagem, sobrevivem nas palavras... (HATOUM, 2017, p. 210)

No exílio Martim vive cercado pelos espectros do passado, os quais são evocados por meio das operações memorialísticas que se processam, de forma ininterrupta, em suas lembranças. Há um constante movimento de “ir” e “vir”, como refere Ricoeur (2007), entre os momentos históricos que são refigurados na narrativa, os quais compõe a hermenêutica da escrita de Martim. Por intermédio do arquivo construído em suas anotações são evocados eventos sócio-políticos indissociáveis de sua existência, nas distintas dimensões espaço-temporais em que se encontra, seja de forma física ou pelas vias da rememoração.

“A memória só faz sentido depois do esquecimento?”: medo e resistência em *Pontos de fuga*

Nos registros que encerram o romance *Pontos de fuga*, segundo volume da trilogia *O lugar mais sombrio*, na Rue de la Goutte-d’Or, em Paris, na primavera de 1980, Martim, ainda exilado, em constante negociação com a memória, por intermédio do arquivo que se dedica a construir desde a adolescência, tece considerações acerca do esquecimento: “Noites sem a lembrança de um único sonho com a minha mãe. Talvez o esquecimento seja mesmo uma das formas da memória”. E, com este questionamento, o livro é finalizado: “A memória só faz sentido depois do esquecimento?” (HATOUM, 2019, p. 310). As reflexões de Martim se coadunam às formulações hermenêuticas de Ricoeur, desenvolvidas na terceira parte de *A memória, a história, o esquecimento*, quando o filósofo francês também pergunta “a título de que, então, a sobrevivência da lembrança teria valor de esquecimento?” O mesmo caráter ambíguo que se estabelece na relação dialética entre esquecimento e memória, presente na indagação de Martim, é elaborado por Ricoeur, ao contemplar o esquecimento sob o signo de uma ambiguidade primordial, que se configura na “na dupla valência da destruição e da preservação” (RICOEUR, 2007, p. 449).

A relação dialética entre memória e esquecimento apresenta-se como uma possível chave de leitura de *Pontos de fuga*, narrativa que retoma o acervo memorialístico dos jovens que protagonizaram as páginas de *A noite da espera*, no período de 1972 a 1980, além de adentrar-se nas razões que configuraram a prisão dos integrantes da *Tribo*, que ocorre no primeiro livro. Neste

segundo volume de *O lugar mais sombrio*, embora predomine a narrativa em primeira pessoa, conduzida pela voz de Martim, são coadunados ao texto outras vozes, de maneira que ecoam no romance o discurso de diferentes personagens, por meio de cartas e diários que o estudante de arquitetura incorpora ao seu enredo memorialístico, como as cartas dos ex-integrantes da *Tribo* (Vana, Dinah, e sobretudo Lélío (Nortista)); cartas dos novos amigos de São Paulo (Cantora, Fidalga, Laísa); os diários de Ox e Julião; e as anotações de Anita. O narrador, ainda exilado, realiza uma revisitação de textos de diferentes origens, escritos por seus colegas da UnB e da USP, reeditando-os de maneira a construir uma memória coletiva do medo, silenciamento, exílio e resistência, dentro da perspectiva que Ricoeur irá operacionalizar ao abordar o “esquecimento de recordação” e seus “usos e abusos”, categorizadas em “o esquecimento e a memória impedida”, o “esquecimento e a memória manipulada” e o “esquecimentos comandado: a anistia” (RICOEUR, 2007, p. 451-462).

As relações construídas no contexto universitário prevalecem no enredo de *Pontos de Fuga*, a partir da mudança involuntária de Martim para São Paulo quando, por força das circunstâncias adversas que sobrepassavam o momento histórico em Brasília, o personagem principal obriga-se deixar a UnB, afastar-se dos amigos e da namorada e redimensionar a sua vida na USP: “‘Cinco anos em Brasília’, eu disse. ‘Meus amigos foram presos, escapei por um triz e voltei para São Paulo’” (HATOUM, 2019, p. 30). Recém-instalado em São Paulo, mas ainda fortemente vinculado ao grupo de Brasília – “Vou dormir com fome e com as lembranças de Brasília, mas sem o medo nos últimos dias na capital. Alguém se livra do medo?” (HATOUM, 2019, p. 31), ao estabelecer contato telefônico com Dinah, em março de 1973, a namorada oferece um panorama referente a desintegração do grupo e de seus projetos artísticos, decorrentes do estado de repressão e perseguições que pairam sobre o sistema sociopolítico brasileiro:

“(…) Você escapuliu no momento certo. A polícia baixou por aqui, meu pai ficou inquieto mas minha mãe contornou a situação. Citou amigos no ministério e até o ministro. Disse que não sabia onde você estava. Os policiais ficaram a noite toda no estacionamento do nosso bloco. Acendiam o farol alto da viatura e ligavam a sirene (...)”.

“E os nossos amigos?”

(...)

“O livreiro alegre está sumido. O professor de artes cênicas perdeu o emprego, o curso de teatro já era. Minha mãe tinha razão. Tudo está piorando e eu não sei... (...)”

“O Nortista...”

“Parece que escapou, mas não apareceu (...)” (HATOUM, 2019, p. 32-33)

A descrição apresentada por Dinah concernente a atmosfera da UnB após a fuga de Martim, remete às análises de Motta (2014b, p. 82), relativa aos “jogos de acomodação nas universidades”, uma vez que estas se configuraram como um espaço privilegiado para receber as ambiguidades do regime militar, além de criar mecanismos para desestabilizar quem estava insatisfeito com as suas ações e seduzir as elites intelectuais. Ao observar a configuração política estatal para o ensino superior, Motta indica que, em determinadas circunstâncias, a repressão foi pulverizada com estratégias de moderação. Não se pode, outrossim, minimizar a violência política presente no contexto acadêmico, pois estas foram permeadas pelo aspecto que Motta (2014b,

p. 83) nomeia como “jogos de acomodação que transbordam a tipologia binária ‘resistência X acomodação’”. Nessa perspectiva, as universidades foram um dos principais alvos do projeto modernizador autoritário da ditadura, em decorrência da responsabilidade que elas possuíam na preparação de elites administrativas, e na formação de tecnólogos e cientistas, mas também por sua relevância política, na condição de formadora de lideranças intelectuais.

O contexto institucional de *Pontos de fuga* mostra como o eixo conservador das políticas universitárias, na ditadura, foi impulsionado por forças, normalmente religiosas, intelectuais e de militares conservadores, que não demonstravam estar apenas satisfeito com o expurgo da esquerda revolucionária e da corrupção. Os grupos repressores buscavam impor a agenda conservadora mais ampla, que contemplasse o combate contra às questões que os jovens integrantes da *Tribo*, bem como os estudantes da USP, são acusados em suas práticas consideradas subversivas, como comportamentos morais desviantes, imposição de censura e adoção de práticas para fortalecer os valores defendidos pela tradição, principalmente a pátria e a religião. Por tais razões, o regime militar agiu contra e censurou as ideias esquerdistas, além de tudo o que viesse a considerar subversivo e, de forma análoga, os seus defensores, tal como se procede em relação aos personagens da trilogia *O lugar mais sombrio*. Destacam-se, entre as práticas citadas por Motta, que o Estado:

controlou e subjugou o movimento estudantil; criou agências de informação (as Assessorias de Segurança e Informação, ASI) específicas para vigiar a comunidade universitária; censurou a pesquisa, assim como a publicação e circulação de livros; e tentou inculcar valores tradicionais por meio de técnicas de propaganda, da criação de disciplinas dedicadas ao ensino da moral e civismo e de iniciativas como o Projeto Rondon. (MOTTA, 2014b, p. 84)

Da mesma forma que as universidades representavam um espaço importante para a modernização do país, além de se configurar como um campo de luta entre os valores conservadores e os ideais de esquerda e vanguarda, as instituições militares buscaram, de modo simultâneo, modernizar e reprimir, reformar e censurar as universidades. No meio acadêmico, pode-se verificar que muitos de seus membros apresentavam vínculos pessoais ou familiares com membros do governo ou das Forças Armadas. O romance de Hatoum contextualiza bem esse aspecto ao apresentar personagens como Ângela, filha de um senador; Fabius, filho de um diplomata com posturas político-ideológicas contrárias ao regime; e Vana, sobrinha de uma mulher que buscava, em nome de influência política, relações com personagens do governo. Dessa forma, características peculiares da sociedade brasileira, altamente elitizada e com recursos educacionais e culturais concentrados nos estratos superiores, desencadearam situações nas quais as lideranças acadêmicas provenientes da esquerda e os líderes do Estado militar integravam os mesmos grupos sociais, como a mãe de Lázaro. Os jovens da *Tribo*, a partir de suas origens familiares e das relações que estabelecem entre si, ilustram esse aspecto referenciado por Motta.

Ao processo de composição do arquivo memorialístico de Martim, iniciado aos 16 anos e intensificado em suas passagens pela UnB e USP, mas sempre intercalado com as experiências que vivencia no exílio, a personagem principal coaduna às suas anotações a operação metalinguística que permeia a sua escrita, na qual memória e esquecimento, conforme observa Ricoeur (2007), estão em constante negociação e organização dialética:

Quando anotava o que acontecera horas antes, na véspera, ou em dias anteriores, **a memória me traía a todo o instante, mas a solidão e o desejo de escrever me ajudavam a inventar episódios e diálogos que poderiam ter acontecido, palavras de uma memória fugidia, opaca.** Mas no palco, diante de uma plateia, as histórias são encenadas num tempo sem recuo, a voz e a vida da personagem não podem esperar. **Se eu esquecesse uma frase, ainda poderia reparar esse lapso ou distração, mas eu esquecia quase toda a fala da personagem,** como se dera na estreia da peça *Prometeu acorrentado*, em setembro de 1970. Depois da encenação, no ônibus de Taguatinga para o Plano Piloto, lembrara cada uma das cinco falas do coro, e essas lembranças tardias me derrotavam...

A passagem do tempo avivou essas recordações...

(...)

Dinah teria atravessado a pequena e bela Place de l'Estrapade, memória de um terror antigo?

A memória é uma voz submersa, um jogo perverso entre lembrança e esquecimento (HATOUM, 2019, p. 182, *grifos nossos*)

As reflexões de Martim, desenvolvidas no excerto transcrito acerca da relação dialética entre memória e esquecimento, ao mesmo tempo que apresenta considerações sobre a metodologia que configura o seu processo de escrita, de certa forma mostra uma síntese dialógica com muitos pressupostos hermenêuticos explorados por Ricoeur (2007), em *A memória, a história, o esquecimento*. Neste estágio da trilogia de Hatoum são diversas linhas temporais, vozes e espaços que se coadunam e são refigurados no diário organizado por Martim que, como a própria personagem declara, a sua escrita é operacionalizada por uma constante tensão entre memória e esquecimento. A técnica de composição narrativa empreendida por Hatoum nestes dois primeiros volumes da trilogia *O lugar mais sombrio* articula duas perspectivas cronológicas que compreendem, de forma simultânea, as vivências universitárias de Martim, primeiro na UnB e, posteriormente, na USP, intercaladas pelas reflexões que a personagem tece a partir do exílio, em Paris. Sobretudo em *Pontos de fuga*, considerando que esse romance já contempla mais de uma década de organização arquivo-memorialística operacionalizada por Martim, por meio de suas anotações e correspondências, além dos escritos dos amigos e colegas que, agora, passam a ser integrados ao seu diário, as reflexões sobre o esquecimento, aqui, são abordadas de forma mais contundente. As operações mnemônicas refiguradas na escrita por meio do inventário memorialístico operacionalizam a dialética, a partir da qual Ricoeur (2007) contempla o esquecimento sob a perspectiva do “apagamento dos rastros” e da “persistência dos rastros”, tal como Martim declara: “A memória é uma voz submersa, um jogo perverso entre lembrança e esquecimento”. Para o filósofo, “o esquecimento pode estar tão confundido com a memória, que pode ser considerado uma de suas condições” (RICOEUR, 2007, p. 435). Sobretudo, a partir da experiência do exílio, ao confrontar as intersecções temporais que são abertas pelas vias da memória, Martim, além de refletir sobre os mecanismos engendrados em sua escrita, expressa a percepção concernente à evanescência das lembranças, as quais se desintegram se não forem fixadas pela escrita, uma vez que “o tendo-sido faz do esquecimento o recurso imemorial oferecido ao trabalho de lembrança” (RICOEUR, 2007, p. 451).

A condição histórica de um longo e conturbado período, marcado por repressões à liberdade de pensamento, à atividade artística e intelectual, crítica e questionadora, que culminou com a institucionalização da violência, em nome de uma suposta ordem moral defendida pelo Estado no decurso do regime militar, passa a se configurar como o eixo central das experiências de Martim, seus colegas e amigos, vividas no âmbito da universidade e, mais tarde, no exílio. A necessidade da escrita e da construção de um arquivo memorialístico é uma forma de negociar contra o “esquecimento destruidor”, pois de modo paralelo à existência destes jovens engajados com a realidade política, vivenciada em uma das fases mais opressivas deste país, a condição histórica se imprime de forma incontornável sob um futuro que, à altura em que os acontecimentos são narrados, ainda não prenuncia o caminho democrático.

“Reescrever: intuir outra realidade, imaginar de novo”: entre a escrita e o testemunho histórico

Um aspecto preponderante a ser considerado nestes dois primeiros volumes de *O lugar mais sombrio* é a refiguração narrativa da própria escrita. Esse processo tem um caráter confessional, quanto ao registro das experiências existenciais, mas, sobretudo, historiográfico, pois articula a memória aos eventos sócio-políticos que permearam o período das anotações de Martim, entre 1968 e 1980. Para Ricoeur (2007), o evento maior que motiva a comparação entre o “projeto de verdade histórica” e a “visada de fidelidade da memória” corresponde ao que o filósofo francês nomeia como “pequeno milagre do reconhecimento” não apresentar um equivalente na história. Instaure-se um espaço que jamais poderá ser inteiramente preenchido, resultante de uma intersecção, que pode ser qualificada como epistemológica, imposta pelo regime da escrita às operações de cunho historiográfico.

Em *O lugar mais sombrio* a construção hermenêutica da escrita de Hatoum, ocorre, essencialmente, pela via do testemunho, o qual, ao compor o arquivo organizado por Martim, por meio da elaboração de diários, realiza a transposição historiográfica pela memória, em seus “múltiplos planos”, tal como refere Ricoeur (2007). O adolescente, que começa a se dedicar à atividade da escrita em janeiro de 1968, demonstra, desde a sua primeira anotação, a preocupação em transpor para escrita não apenas elementos confessionais relativo à sua interioridade, mas percepções bastante precisas acerca da caracterização espacial, do tempo histórico e da sua conjuntura sociocultural.

Em todos os romances publicados por Hatoum apresenta-se o olhar para o passado, a partir das ruínas do presente, de modo que os movimentos narrativos que instauram intersecções espaço-temporais, alinhando o “antes” com o “depois”, conforme Ricoeur analisa em *Tempo e narrativa* (2010), são fundamentais para organizar a voz dos narradores, os quais se valem, sobretudo, dos recursos da memória. Todavia, enquanto os romances anteriores à publicação da trilogia *O lugar mais sombrio* são enredos cuja trama está finalizada, o trabalho operacionalizado pela memória, em *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, apresenta uma escrita *in progress*, cuja atividade arquivista realizada por Martim segue sendo operacionalizada em dois planos principais, ou seja, no contexto universitário, em Brasília e São Paulo, e no exílio, de modo que ambas linhas temporais vão sendo distendidas de forma cronológica, à medida que o tempo avança.

Podemos considerar, outrossim, duas dimensões essenciais, concernentes aos registros histórico-memorialísticos de Martim, observando-se que a primeira linha temporal, que abrange o período universitário, instaura-se no campo da vivência, enquanto a segunda, aberta a partir do exílio em Paris, adentra-se, sobretudo, para o espaço da reflexão e da lembrança acerca da vida no Brasil. Nessa perspectiva, não existe uma quebra de linearidade nas obras, no que diz respeito ao registro dos eventos históricos, que compreendem as vivências universitárias, e a retomada dos mesmos pelas vias da recordação, como ocorre no exílio.

É possível afirmar, entretanto, que na primeira linha que se distende o tempo é, sobretudo, da ação. No íterim temporal que abrange praticamente uma década, entre janeiro de 1968 a dezembro de 1977, os registros realizados no diário de Martim e, posteriormente, feitos por alguns colegas, além das cartas e outras anotações, sistematizam as ações universitárias que ocorrem de forma paralela aos eventos histórico-políticos que, a esta altura, aconteciam no Brasil. Nos cinco anos vividos em Brasília, embora Martim esteja integrado a um grupo que possui vínculos estreitos com a política nacional, ainda existe uma névoa que encobre as reais intenções do governo, as quais apenas são intuídas, antes da desintegração da *Tribo*, que culminou com prisões e fugas de seus componentes. Como observa Motta:

(...) centenas de professores e intelectuais perderam cargos ou tiveram sua contratação barrada. (Considerando os dois grandes expurgos, em 1964 e 1969, entre aposentadorias e exonerações, pode-se estimar que de 250 a 300 docentes foram afastados das universidades. O número dos que tiveram sua contratação bloqueada por razões ideológicas é mais difícil de precisar pela escassez de evidências). Além disso, é importante lembrar que muita violência ocorreu nos *campi* universitários, sobretudo nos momentos das invasões policiais, que tiveram lugar em 1968 e, com menor intensidade, em 1977, para não falar dos membros da comunidade universitária presos, torturados e mortos. Por outro lado, a disposição das autoridades para agir com moderação era tanto maior quanto menor o impacto público das atividades promovidas no espaço universitário. Em outras palavras, se o radicalismo acadêmico não traspusesse os muros das faculdades, maiores as chances de ser tolerado e não atrair medidas repressivas. (MOTTA, 2014b, p. 85-86)

As ações artísticas e intelectuais da *Tribo*, contudo, conforme os registros de Martim em *A noite da espera*, transpuseram os muros da UnB, o que culminou com diversas medidas repressivas aos seus integrantes, tal como refere Motta em sua contundente investigação sobre a relação entre as universidades e o regime militar. O grupo ao qual Martim se agrega em São Paulo, sem, no entanto, romper os vínculos que foram estabelecidos em Brasília, também sofre, de maneira intensa, as repressões advindas do regime, tal como é possível observar nas anotações de Anita, em 23 de setembro de 1977:

“Vi na entrada da PUC dois corpos queimados por bombas”, disse Sergio San. “Duas estudantes. Quis ir até lá, mas os soldados já tinham cercado os corpos. O prédio estava bloqueado. Desci uma rampa, e lá embaixo, numa sala, a tropa de choque caçava alunos e professores no forro do telhado. Voltei pra entrada principal, os cassetes golpeavam até as estátuas dos santos (...). Vi o coronel apontar uma árvore e ordenar: ‘Aqueles dois barbudos vão numa viatura’. Um

dos barbudos era o Martim, os soldados cercaram os dois, não vi mais nada. (...) Depois todos os detidos entraram nos ônibus e o comboio seguiu até o quartel da Polícia Militar (...) De vez em quando pequenos grupos gritavam palavras de protesto ou o nome de uma pessoa desaparecida. (...) fiquei de olho no edifício do Dops, quem sabe Martim não sairia de lá. (HATOUM, 2019, p. 255-256)

Nas duas importantes fases que corresponderam ao período de vida universitária de Martim, a escrita, tanto de sua autoria quanto os registros que copila de seus amigos e colegas, alia-se, de forma preponderante, ao testemunho histórico, uma vez que as experiências vividas pelos jovens, tanto no que tange à militância pelas vias da arte ou do trabalho intelectual, como a repressão sofrida pelos mesmos, vinculados à UnB ou a USP, processam-se de forma paralela aos eventos de caráter político que transcorreram no Brasil, no decorrer de aproximadamente uma década. O fio condutor que articula as ações narrativas espacialmente situadas, sobretudo na capital federal e em São Paulo, equivale, portanto, a encadeação do tempo apreendido como presente, que é desenrolado de modo cronológico, a partir de relatos testemunhais profundamente atrelados à história da ditadura militar brasileira.

A segunda linha por onde se distende a hermenêutica da escrita de *O lugar mais sombrio*, retrata o período do exílio e conserva a técnica da inscrição dos eventos transcorridos em um diário. Podemos constatar que, de forma diferente da primeira, onde a formação de grupos de estudantes e sua atuação artística e intelectual são expressivas, esta situa-se mais no campo da reflexão dos eventos passados e da reiteração das lembranças pelas vias memorialísticas. Sobretudo em *Pontos de fuga*, como já referimos, as reflexões de Martim sobre a dialética que se instaura entre memória e esquecimento, considerando o tempo transcorrido que o afasta das suas vivências universitárias no Brasil, são mais marcantes:

Escrevo sob o teto inclinado do quarto em forma de trapézio, onde me hospedei nas primeiras semanas em Paris. Na noite de 2 de janeiro de 1978, quando Damiano Acante me visitou, deu uma olhada no texto da peça *Prometeu acorrentado* e perguntou se valia a pena colecionar fracassos. Flocos de neve passavam pela janelinha da mansarda, eu ainda me sentia angustiado pela lembrança de um sonho recente, versão noturna das visões escabrosas dos rostos da Lina e da Dinah no céu de Paris. (HATOUM, 2019, p. 306)

Há muitas questões preponderantes que envolvem a hermenêutica da escrita de *O lugar mais sombrio*, destacando-se a organização dos registros arquivísticos, intercalados, sobretudo, em duas sequências espaço-temporais mais amplas, que contemplam as vivências universitárias de Martim e seus amigos, e o exílio parisiense; a reflexão metalinguística desenvolvida por Martim, sobre a forma como desenvolve o seu processo de escrita; e o cenário sociopolítico, que impacta profundamente a existência da maioria dos jovens que estabeleceram vínculos com Martim:

Dinah, Sergio San, o Nortista e Mariela estão em São Paulo, cada um em seu refúgio provisório; Ângela não saiu de Brasília, a Cantora solta a voz em casas noturnas na Zona Rosa, Cidade do México. Ox estuda literatura na Yale e me

pediu que comentasse o manuscrito “Poemas de New Haven”, que vai ler na Universidade de Nova York (...).

Laísa e Marcela vivem num tempo sem hora: dormem na noite úmida, sob as estrelas? (HATOUM, 2019, p. 230)

Martim, outrossim, à medida que escreve e copila os escritos das pessoas com as quais está vinculado, simultaneamente conserva e recupera, pelas vias da memória, os fatos históricos que compõe o painel de suas vivências, instauradas com base no testemunho. Como afirma o hermeneuta, “a história não é apenas mais vasta que a memória, mas seu tempo é folheado de outro modo” (RICOEUR, 2007, p. 505). Na perspectiva do filósofo, a história é capaz de ampliar, completar, corrigir e, inclusive, refutar o testemunho da memória a respeito do passado ou, como na escrita de *O lugar mais sombrio*, uma narrativa ainda *in progress*, em que o passado é vislumbrado, simultaneamente, sob o ponto de vista do leitor e das personagens que, à medida que o tempo cronológico transcorre, também voltam o olhar para o “passado” de suas existências. Mas, como ainda admite o filósofo francês, a memória não pode apenas abolir o testemunho histórico, pois “a memória continua a ser o guardião da última dialética constitutiva da preteridade do passado, a saber, a relação entre o “não mais” que marca o seu caráter acabado, abolido, ultrapassado, e o “tendo-sido” que designa o seu caráter originário e, nesse sentido, indestrutível” (RICOEUR, 2007, p. 505).

O exímio trabalho ficcional de Hatoum, articulado à refiguração hermenêutica da memória pelas vias narrativas, atinge, portanto, em *O lugar mais sombrio*, uma veemente entonação sociopolítica, comprometida em não apenas restaurar, mas adentrar-se analiticamente, como destaca o título da obra, pelo período mais conturbado e “sombrio” da história recente brasileira.

Referências

HATOUM, Milton. **O lugar mais sombrio 1**. A noite da espera. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, Milton. **O lugar mais sombrio 2**. Pontos de fuga. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014a.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades, ditadura e cultura política. **Intersecções**. v. 16, n. 1, jun. 2014b, p. 69-89.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades e cultura na ditadura militar. **Estudios del ISHiR**, 20, 2018, p.92-106.

PEREIRA, Marco Douglas Bourscheid. Imagens e memória da ditadura em Pontos de Fuga: Hatoum pensando o passado e o atual desastre político brasileiro. **Revista de Literatura, História e Memória**. v. 16, n. 28, 2020. p. 171-190.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução: Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 1:** a intriga e a narrativa histórica. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TEIXEIRA, Mirvana Luz. Narrativa e resistência: as faces da ditadura militar *A noite da espera*, de Milton Hatoum. In: GOMES, Gínia Maria (Org.). **Vozes da resistência:** ecos ditatoriais na literatura brasileira do século XXI. Polifonia: Porto Alegre, 2021. p. 177-199.